



MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade.** MACIEL, Hilda P.; HAESBAERT, Rogério (Trad.). 1. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 314p.

**Amarildo Silva Araujo** – UNIR - Porto Velho – Rondônia, Brasil

[geonalta@hotmail.com](mailto:geonalta@hotmail.com)

O presente livro *“Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade”* foi escrito pela Geógrafa Britânica Doreen Massey (1944-2016) nascida na cidade de Manchester, doutora em geografia e professora emérita de Geografia na Open University. Suas pesquisas em Geografia Marxista, Geografia Feminista e Geografia Cultural refletiam/desnudavam suas lutas pela causa feminista e socialista. Doreen Massey devido a sua contribuição acadêmica em geografia, ganhou o prêmio Vautrin Lud, o Nobel da Geografia em 1998.

O livro é dividido em cinco partes, que subdividem em 15 capítulos, numa linguagem objetiva Massey expõe “[...] que o espaço é igualmente vivo e igualmente desafiador, e que, longe de ser morto e fixo, a própria enormidade de seus desafios significa que as estratégias para dominá-lo têm sido muitas, variadas e persistentes” (p.35).

Na primeira parte *“Estabelecendo o cenário”* Doreen Massey propõe imaginar o espaço de uma perspectiva diferente. Para isso, apresenta três considerações, a primeira “[...] é imaginar o espaço, não como um fenômeno sobre a superfície” (p. 23); a segunda é pensar “[...] o espaço na sua multiplicidade, e heterogeneidade contemporâneas, e não a partir de uma única narrativa” (p.23); e a terceira traz a discussão sobre o modo de pensar “[...] o espaço como localização, transformação do espaço em tempo, separação de lugar local e em espaço exterior” (p.24).

Nas proposições iniciais, a autora enfatiza novamente a ideia de “uma abordagem alternativa do espaço” (p.29), sintetiza e expõe novamente as abordagens de espaço como produto de inter-relações em escala local ou global; “[...] como esfera da possibilidade da existência da multiplicidade [...]” (p. 28); como inacabado, em

---

construção. Assim, a autora pensa (imagina) o espaço em outra perspectiva, que não seja as já existentes, sugere pensar “[...] o espaço ordinário, o espaço e os lugares através dos quais, na negociação de relações dentro da multiplicidade, o social é construído” (p. 35). A autora nos convida a pensar a geografia de muitas formas (imaginarmos o espaço) e não somente de uma única perspectiva. Substituir uma única geografia por muitas.

A segunda parte “*Associações pouco promissoras*” é constituída pelos capítulos 2, 3, 4 e 5 que objetiva demonstrar a influência do pensamento hegemônico de espaço. A noção hegemônica de espaço é tão forte no meio acadêmico e popular, que não se tem consciência do significado da palavra espaço, quando a utilizamos. Nesta seção, a autora apresenta as correntes filosóficas estruturalista e pós-estruturalista que contribuíram para construção do significado do conceito de espaço e as contribuições conceituais de Henri Bergson (Liberdade), Laclau (Desarticulação de espaço), De Certeau (Surpresa) e Derrida (Desconstrução) para desprendê-lo do seu caráter subalterno do conceito de tempo, mesmo que seus estudos estivessem voltados para o tempo/temporalidade.

O espaço é concebido a partir dessas orientações filosóficas, como grande (exterior), representação, fechamento. A autora chama a atenção de “como imaginamos o espaço” (p. 41). Nesta seção, a partir dos capítulos 2, 3, 4 e 5, o propósito é demonstrar a concepção de espaço à luz das correntes filosóficas (estruturalismo e pós-estruturalismo), que contribuíram para ser compreendido “[...] como estático, fechado, imóvel, por oposição ao tempo” (p. 41); contudo, a partir de algumas conceituações dos autores citados acima, Massey espera, ao final, libertar o conceito de espaço dessas correntes de significados que o limita a ser fechado, e a ser uma representação e “[...] colocá-lo em outras cadeias, onde ele possa ter uma vida e mais produtiva” (p. 42).

Assim, Doreen espera “conceituar espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política” (p. 95).

Na parte três “*vivendo em tempos espaciais?*” é constituída pelos capítulos 6, 7, 8, 9, e 10, onde Doreen volta-se à conceituação do espaço em uma perspectiva sociopolítica, em tempos contemporâneos (espacial e globalizado). Essa perspectiva conceitual de

---

espaço, oculta muitas outras que devem ser questionadas. As conceituações espaciais questionadas pela autora inibem o “verdadeiro desafio lançado pelo espacial” (p. 97). As perspectivas ora apresentadas, induzem a não conceituação de espaço como uma multiplicidade, possibilidade das existências de espaços locais e espaço global.

No capítulo 6 e 7 é discutido a relevância da espacialização/globalização da história da modernidade que permite o desafio de opor-se à base do sistema de conhecimento e representação na perspectiva europeia/americana e dá a possibilidade das histórias ainda não especializadas (multiplicidades de histórias). E contrapõe o fato que a globalização integra todo o mundo (conectividade); pois, a ideia oculta a compreensão do espaço (multiplicidade) de inúmeras histórias, sendo especializadas em movimentos em uma pluralidade de trajetórias, simultaneamente pelo globo (local) e não espaço estático.

Nos capítulos 8, 9 e 10 explica-se que a imaginação da globalização (unilateralidade) destrói o espaço dentro do tempo em seu movimento por contar apenas uma história (espaço global), excluindo a essência do espaço múltiplo, aberta e não redutível, que valoriza os espaços (local). A ideia popular de que o espaço pode ser aniquilado pelo tempo. Essa evidencia é uma inverdade, posto que, a globalização (instantaneidade) e conectividade, em detrimento aos avanços em tecnologia da comunicação, criam os ciberespaços, mas, não destroem os espaços (é mais do que distancia). O espaço constituído a partir da globalização (geometrias de poder), em contraste aos espaços (lugares locais), as chamadas geografias de resistências; e nem sempre os espaços locais são vítimas do global. Os lugares locais podem incorporar aspectos globais sem perder a essência local. “O local está implicado na produção do global” (p. 154).

Parte Quatro “*Reorientações*”, formada pelos capítulos 11 e 12, Doreen traz a discussão o ordenamento do mundo, posicionamento dos seres humanos e não humanos. Essa parte do livro explora “[...] práticas materiais rotineiras, certas figuras de linguagem e atitudes [...]” (p. 157).

No capítulo 11 “*recordes através do espaço*” aborda as representações espaciais (mapas) como “tecnologias de poder” a serviço de uma ideologia capitalista/euro-americana que apaga (ponto cego) outras espacialidades de povos nativos/colonizados.

---

Fala do “acaso do espaço” à espacialidade (supressa do espaço), não é necessariamente planejada. Discute “as imaginações viajantes”, a imaginação do espaço a partir de uma perspectiva do observador (fica na memória), criando assim, geografia (espaços) confrontantes, como espaço dos povos nativos concebidos pelos olhos do colonizador. No capítulo 12, “o caráter elusivo do lugar”, na seção *rochas migrantes*, a autora faz uma comparação das transformações e deslocamentos das rochas de Shiddaw ocorridas nos períodos geológicos, com espaço (lugares locais), que estão em constantes mudanças. As representações de espaços (lugares) que ficam em nossa mente, e que são confrontadas quando retornamos a esses lugares, estão diferentes de como lembramos.

O lugar se constitui uma eventualidade. Que é capacidade de estar sempre em transformação provocada pela dinâmica das relações e mudanças dos seres humanos/não humanos composta por novas trajetórias e novas configurações. O lugar é o aqui (espaço) e o agora é o (tempo) e pelas suas dinâmicas do lugar/presente será diferente do lugar/futuro.

Na última parte do livro (cinco) “*Uma política relacional do espaço*”, formada pelos capítulos 13, 14 e 15, Doreen Massey deixa mais evidente a sua tese, uma proposta de imaginar o espaço e o lugar diferente das propostas hegemônicas. Propõe uma geografia (espaço) constituída de entrelaçamentos e configurações de trajetórias múltiplas, de histórias múltiplas, em fim, geografias diferentes. Geografias que reflitam situações locais, políticas locais e que vão além...!

O capítulo 13 traz para discussão a mutabilidade do lugar por meio de uma política do confronto de poderes locais (regulados por regras explícitas) que remodelam os lugares (negociações), e isso evidencia que o espaço/lugar (material e abstrato) está em constante transformação, os seres humanos precisam reimaginá-los. “Lugar como uma sempre-mutante constelação de trajetórias coloca a questão de nosso permanecer juntos” (p. 215). O lugar é remodelado por decisões políticas, é preciso reimaginá-lo como um confronto de trajetórias. O lugar é movimento/transformação/material/imaterial, será diferente até para os que permanecem no lugar.

---

Em continuação à discussão de “lugar”, o capítulo 14 aponta que as trajetórias/movimentos/estórias que constituem as imaginações geográficas contrastantes no lugar, não possuem regras, pois, todas ações podem ser refutadas por “argumentos políticos a partir de casos contraditórios (duas imaginações contrastantes)”. As lutas políticas no lugar são de reivindicações culturais (nativos) e topográficas. “O desafio da negociação do lugar é, de forma chocante e desigual” (p. 239).

As lutas dos locais (políticas topográficas), onde o local é defendido, mas não é uma oposição à globalização, e sim uma tentativa de um “internacionalismo do lugar”, seria uma identidade geográfica. “Uma política de lugar na qual o lugar é concebido não como delimitado, mas como aberto e poroso para fluir além [...]” (p. 247).

No capítulo 15, Doreen dialoga com o processo de construção e disputa do tempo-espaço. De forma objetiva, inicia a discussão abordando as geografias imaginativas dominantes dos lugares, e que esses tempos-espaços são “lugares-dentro-de lugares”. “E cada tempo-espaço, também está continuamente mudando em sua construção, sendo renegociado” (p. 253). “A política relacional de lugar, então, envolve tanto as inevitáveis negociações apresentadas pelo encontrar-se ao acaso” (p. 253). A luta contra a globalização é local. As negociações entre o local e o global acontecem dentro das “complexas geometrias de poder”. As disputas produzem reconhecimento e construção relacional de identidades que são espaços-temporais (no cotidiano) nos espaços dominantes (globalização), porque não podem suprimir a diversidade em seus limites. Se o espaço e o lugar são compreendidos como relacional, então conclui-se que é real. “O espaço é tão desafiador quanto o tempo. Nem o espaço nem o lugar podem fornecer um refúgio em relação ao mundo” (p. 274).

Após a leitura e reflexão do livro “Pelo espaço” de Doreen Massey, é importante destacar a relevância filosófica da obra para a ciência geográfica, em razão de discutir a possibilidade de reconhecermos/valorizarmos/construirmos outras geografias, que, até o momento, encontram-se subalternizadas/marginalizadas pela Geografia hegemônica. Massey nos convida não a “pensar” e sim, nas palavras (dela) “*imaginar*” o espaço em perspectivas nunca imaginadas. Não é simplesmente a construção de geografias nas

---

perspectivas dos povos dominados (nativos), não é somente isso, é além! Imaginar o espaço construído nos lugares mais simples, como na cidade, nos campos, nas praças, nos mercados e nos lares, mais não de forma convencional.

É imaginar o lugar, não como fechado ou desterritorializado pela globalização e sim, o lugar como espaço em movimento/construção, constituído de múltiplas estórias e trajetórias, um lugar de lutas de forças antagônicas locais e globais.

Recomendamos a obra a acadêmicos de graduação e pós-graduação (mestrandos e doutorandos) dos cursos de geografia, pois proporcionará a possibilidades de serem protagonistas das geografias ainda não especializadas discutidas nesta obra magnífica da eterna geógrafa Doreen Massey.

---

**Amarildo Silva Araujo** - Geógrafo, doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR; mestre Estudos de Cultura e Território (PPGCULT), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Cimba de Araguaína, no ano de 2017; e graduado em geografia pela UFT, no ano de 2006; professor de geografia da Rede Estadual de Educação do Estado do Pará.

---

Recebido para publicação em 05 de abril de 2023.

Aceito para publicação em 22 de junho de 2023.

Publicado em 10 de julho de 2023.